

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## FARRAPOS VELHOS

Tenho sido refractario á collaboração na «Lagrimeira» mas a razão está em que a minha saúde, tendo-se feito refractaria tambem, esteve, por um triz, a passar á classe das coisas archeologicas.

Agora, que me parece ir encanando, deixem passar este plebeismo, que leva forca, cá venho eu trazer aos meus amaveis leitores, para se divertir com elle, um *farrapo velho* que, de ha muito, archivado de reserva.

Mantei, ha tempos, comprar uma encomenda qualquer ao estabelecimento do meu amigo sr. Francisco Carmona.

A fazenda vinha, como de costume, amortalhada em um papel d'esses, que os negociantes compram ao kilo, para embrulhos.

Tenho sempre a curiosidade de não manjar para o lixo estes papeis, sem lhes passar revista, principalmente senlo manuscritos antigos. Este deu-me no gôto. São duas folhas de costaneira de antiga loja de pezo, não sei de quem, isso não desobri eu, mas referem-se ao anno de 1839. Transcrevo aqui fidelissimamente, sem nada alterar, o que se acha escripto na primeira pagina da folha que foi, na extincta costaneira. 109:

«Março. Despesas da sumana santa dos tresseiros. Licor figos 55—, m.<sup>a</sup> licor figos 60—, m.<sup>a</sup> um carro de pinheiros 480—, Dinheiro a um Rapaz por carretar o Tabuado—20—. 1 Duzia de ferro—360—. 1 sento de Pregos 60—. p.<sup>a</sup> humas Fichaduras—80—. m.<sup>a</sup> 12 sento de Pregos—25—. Agua Ardente Figos—60—. Dinheiro p.<sup>a</sup> terra Negra i Pregos—40—. Merenda aos carpinteiros—160—. Pregos—20—. V.<sup>o</sup> aos Judeos—30—. Cal para o Tumblo—30—. 165 de dôce a 169. 10 Garrafas de V.<sup>o</sup> a 120—1:200—. 1 Alm.<sup>o</sup> e 5 c.<sup>as</sup> de V.<sup>o</sup> Barle. Dinheiro ao rapaz—20—. Queijo 4 ar. e 1/4. Biberete aos Judens—300—. 59 palmos de linhage a 180—6 varas. Dinheiro aos Judeos do tumblo—240—. Merenda para desfazer assistio a isto os Mezaros o sr. Ricardo e Bruno—300—. a Luger de 3 condas de carro por ficarem estarpalas e não se poder vender pello seu presso—120.»

Acaba aqui a pagina, que trasladei.

Ora, não concordam que isto deve ficar registado para que as gerações fiquem sabendo que, em 1839, ainda aqui havia judeus em Barcellos que bebiam como ôdres e comiam como cães?!

Ora valha a verdade, em março de 1839 já eu

tinha tres annos e trez mezes; e, francamente, não me lembro que aqui houvesse em Barcellos judeus de carne e osso. Lembro-me de uns figurões feitos de palha, e vestidos de papelão e sêdas, com caras exóticas, que o antigo Borges exhibia na solemnidade dos Passos, e ainda pela semana santa, fazeno mechos com a cabeça e provocando a inquietação do rapazio, que tinha medo dos judeus; e eu era um d'elles, não dos judeus, entenda-se, mas dos que d'elles tinham medo.

Depois que a gente lê d'estes documentos, que admira haver hoje em dia judeus n'este paiz, que, seguindo dizem as gazetas, lhe bebem o sangue e lhe comem as carnes, tornando-se millionarios em pouco tempo, pon-do e dispon-do a seu talento das nossas finanças, talhando sempre em primeiras com lucro certo e sabido, não dando o pobre contribuinte, que é o ponto n'esta banca, uma unica sorte, e estando em vesperas de passar á triste classe dos mirones á *liza* de todo?!

Não admira, pois, porque em 1839 já aqui havia judeus em Barcellos, que se cevavam á custa das esmolas de S. Francisco.

ARCHEOLOGO.

«*Jornal de Viagens e aventuras de terra e mar.*»

É uma das publicações recêntes que maior interesse desperta pelo seu texto agradável e instructivo e bellas estampas intercalladas. Recomendamo-la como excellente.

É semanal e a sua assignatura na livraria Julio Barreto custa 800 reis por trimestre.

O pouco espaço de que dispomos não nos permite dar na integra e summario do ultimo n.<sup>o</sup> por onde os nossos leitores poderiam avaliar da sua importancia.

«*Num chumbinho...*»

O actor Fernandes por occasião da sua ultima estada n'esta villay dirigiu-se ao estabelecimento do sr. Manoel José Ferreira de Faria, á Porta Nobre, o abeirando-se do caixeiro o sr. Joaquim Antunes Faria, pediu-lhe 5 reis de cigarros fortes, e que lh'os embrulhasse n'uma folha de couve que fosse fresquinha.

O ingenho caixeiro, cuidando que a couve era para conservar o tabaco fresco, respondeu:

—«Folhinha de couve não tenho, mas se V. S.<sup>a</sup> quer, embrulho-os n'um chumbinho»...

A exim.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup>

D. MARGARIDA DE S. BRAGA

*Es tão formosa,  
tens tanta graça;  
tu'alma é a lagoa  
d'amor e rosa.*

*Ao jardim santo,  
jardim das salas,  
das tuas galas,  
dás teu encanto.*

*Do paraíso  
és tu sorriso,  
és tu a vida.*

*Es pequenina  
como a bonina,  
ó Margarida.*

Coimbra, 13-6-96.

D. MESQUITA.

NOTICIAS DIVERSAS

No estabelecimento de barbear do Penteadinho, corta-se cabelo á navalha, e barba á thesoura.

— *Projecta-se, para breve, a exposição de um carro que tem o grande conveniente dos passageiros não soffrerem os solavancos devidos ás desigualdades, violentas, dos terrenos. Será experimentado na rua Faria Barbosa.*

— Já se deu principio aos trabalhos de construção do theatro Gil Vicente. Fica entre a casa onde reside a sr.<sup>a</sup> Maria do Padre e a casa onde o sr. Vasconcellos tem a relojoaria. No largo em frente vai ser levantada uma estatua á Morosidade, de que será escultor o João Santeiro.

— *Vão ser collocadas no Campo de S. José duas taboletas com os seguintes dizeres:*

«Este Campo pertence aos cevados e gallinhas e ás estendedoras de roupa, n'elle, pertence policial.»

«E prohibido cortar herva e fazer destruição de excremento de qualquer especie.»

— Consta-nos que um estrangeiro, residente em Barcellos, tunciona comprar o deposito de agua, lodo e rãs, do jardim publico.

— *Os zeladores municipaes têm um olho para estar fechado e outro para estar aberto. Do lado do fechado estão as regateiras bonitas, de cores medias...*

— Dizem-nos que o nosso amigo Adolfo Cibrão, para imitar o celebre individuo de Almada, promette comer hoje — 4 bacalhaus, do peso de 2 kilos cada um; dois kilos de arroz; 3 pães de trigo, do preço do 40 reis cada um. Diz beber — 1 almude de vinho; 1 litro de cognac; 1/2 litro de canna.

Aqui ha tempos uns patucos da freguezia de Roriz assentaram-se em dar um passeio até Braga. Querendo botar figura pelas aldeias, que atravessavam, e poupar as pernas, resolveram pedir ao sr. Manoel da Gão, da meama freguezia, um cavallo que tinha então o no qual, aos poucos, fariam a viagem.

Um dos excursionistas tinha mais ou menos pratica de andar a cavallo, o outro, porém, era leigo de todo na arte de equitação.

Partiram com effeito caminhos da sua viagem, montando logo o mais mestre e servindo-lhe de creado a pé o companheiro que sabia menos ou nada de pequenas cavallarias.

Chegados á freguezia de S. Romão da Ucha o parceiro, que marchava a pé, reclamou a sua vez para montar, e montou descendo o outro. O cavallo, porém, que não tinha entrado em combinações com os seus companheiros de passeio, resolveu retirar-se da sociedade, pregando no chão com o novo cavalleiante, que cahira entarrachado ao arreo, tendo partido a gilba.

Acto continuo o cavallo dá meia volta á direita, e, em trote largo, nú, em pello, poz-se caminhar fóra da casa de seu amo.

Bem cercavam e bom afoitavam os excursionistas; mas, quanto mais berravam, para que o cavallo fosse preso, mais este fugia em desespero.

Em breve trecho o cavallo appareceu á porta do sr. Manoel da Gão, que o fez recolher não sem grande surpresa.

Uma hora depois chegaram os excursionistas com o arreo ás costas e que, aos poucos trouxeram ao hombro desde S. Romão da Ucha até Roriz. Bem pregada; o cavallo fez passar, o que era accusativo na activa para nominativo.

Ora toma!

Tinha recorrido ao vinho, á gazosa, á só la, á agua com limão, á agua com vinagre — a que vul-

garmente cha-

mam *sangria*

— e tudo isto

foi incapaz de

tirar o calor a-

brassador que

me perseguia.

Metti-me no

rio Cavado, já

desesperado,

lendo a «Lag-

rima» na pos-

tura que a gra-

vura indica,

quando se me deparou o seguinte annuncio —

*Cerveja de pipó a 30 reis o copo. Loja do Oliveira.*

Vesti-me e corri a beber-a. Confosso que liquet

agradavelmente fresco e que não pode haver me-

lhor refrigerante. — P. N. e A. M.





## A LAGRIMA

### NOTAS DA QUINZENA

Casa o Marquez de Barcellos, diz-se em Barcelinhos.

Conheço-o perfeitamente. Amante devotado pelo latim. Nas igrejas a miude o vejo beijar os laburnos dos altares, em saboreação de beijos, e fechar os olhos, vidrados como a louça de Gallegos, nos santos, nos martyres do christianismo. Pallido, a *pallidez dos jejuans*. Rindo no meio de nubes de incenso. Beato crente.

Nunca esperei que aquella compleição animal, bordada por orações, alumada com velas bentas, acobertasse a *pedra de toque* do amor. Julguei-o um illuminado do Paraiso, bebendo da Graça Infinita. Para as côisas terrenas afigurava-se-me uma negação, uma rocha...

Calculava que morresse aos 80 annos de idade, virgem, com o edificio de carne e osso lançado por venlavas de agoutes...

Mas pode a Escolhida ser uma Santa, de olhos velados, com resplendor illuminante na cabeça, falla angelica...

O Marquez de Barcellos casa. Aceita-se a verdade afiada, mas deve-se dizer-se depois de essa transformação na sua vida, á maneira de epitalphio: «Pio e crente entrando na realidade da carne aos tantos de tal...»

Os da Tuna lá foram a Tibões.

Chovia de manhã, na ida. Uma chuva muito propria para prolisar caballos, crystalisal-os e atravessar, impavida, os tecidos lanuzos dos factos...

Por o caminho fizeram o diabo. Rapazes novos em avontade de goso. Em S. Romão da Ueba parecia um comício—o povo em volta dos carros e os tunos a fallar...

Em Prado parou-se para o Arnaldo Azevedo armazenar tijellas de barro, amarellas, com ramos brancos em volta, destinadas ao *champagne*...

Dois carros levavam os rapazes, que como paradas chilreavam.

O Joaquim Couto arrebolava ditos chistosos para todos os lados da estrada, que giboiava pelos pinhaes dentro, pelos campos fóra. E' uma alma de rapaz limpida como crystal.

Os instrumentos, como creanças, ao collo; o do Manuel Esteves era um S. Christovam, no tamanho.

Surgira o casarão fradesco. Bonito. Merecia esculadella de prosa descriptiva. Cada pedra uma historia. Tofo uma biblia de esculptura.

Comeram e beberam bem os tunos. Depois das refeições pareciam *abbades*. ... Vermelhos, de rosto oleoso... O vinho tinha a bondade de 200 frades. O Freitas achou-o *benedictino*.

O Julio Vallongo photographou varios grupos. Engraçados uns e pittorescos outros. Raparigas d'aldeia, frescas, no meio dos rapazes e effes

quentes no meio d'ellas. A queutura da novidade.

—«Sr. Julinho, dizia o Freitas, tire-me bem o retrato, nunca me photographaram.»

Como lhe dissessem que as figuras, na camara escura, estavam de pernas para o ar, disse a uma senhora:

—«Fuja d'aqui. Isto é leitura só para homens.»

Sempre ingenuo e sempre bom rapaz.

...O Vieira e o Barreta tambem não são maus puxando com força boisal aos folles do órgão fradesco, a que o Carreira tira notas cheias.

...Que de muzica houve fartura. Outrotanto não diriam os typos d'aldeia que ouviam religiosamente callados o desfilar de polkas e valsas—que eram um verdadeiro *quinas* para o José Marcellino, affirmava graciosamente o Julio arremessando o banjolin pelo solo até parar aos pés das aldeãs.

Muzica, repito, até á ponta dos cabellos.

Para terminar uma *serenata*, que se tocava esquecidamente, annuncia o director da Tuna a *côda*.

O Jayme *esperitando* os olhos:

—«Qual *côda*?»

Queria n'uma pega tantas *côdas* como os côpos de vinho que bebem.

Era tarde. O sol tocava *manguinhos* ao longe, despeilin-lo-se dos *tainheiros*. Levanta-se tenia. O regresso é por Braga. Toca ahí no jardim a banda do 8. Fôcos de luz electrica espalham luz de lua nos areallos arruados onde damas-passeiam ao lado de cavalheiros fim de seculo, de collarinhos torra dos Clerigos e gravatas roxo rei...

Refra tudo para Barcellos. Os carros têm a velocidade de boi. Desculpo os solavancos que soffri pelo caminho pelo muito que gosei.

—Não tons que ver, mulher, é em frente á Praça de D. Pedro V. na casa de Coelho da Cruz & C.<sup>a</sup>, que se encontra á venda por preço excepcionalmente barato o mais completo sortido de fazendas de lã, sêla e algodão.

—Está bem, não questiono. Logo lá vou e mais as pequenas.

—Não, deixa-as ir sós.

O Silva, caixeiro dos srs. Coelhos, acho que *cabra-pisca* á Anna. Olha que estava ali um bom casamento para ella; elle é um rapaz trabalhador e a rapariga é mesmo uma lambisgoia, senão pegar ali, fica para tia.



*In illo tempore* existiu n'esta villa individuo, assás intelligente, chamado Perinha, que alem de ser um *Figaro de primo cartello*, nas horas vagas cultivava o officio de batoteiro, escanhoando assim a humanidade por todos os modos.

### RECLAMOS ILLUSTRADOS

A 300 reis por n.º publicam-se na «Lagrima», o periodico mais lido de Barcellos.

Na epocha de banhos, devidamente *enraderado*, ia exercer o seu segundo mister para a Povoia de Varzim, onde se apresentava como qual-quer *trufo* politico ou endinheirado. A sua agradavel presenca e chistosa conversa enco- bria-lhe um grande senão—era analphabeto—; e d'isso não tinha culpa o Perinha porque a ins- trução estava na sua infancia, e os paes não eram obrigados a mandar os filhos á escola.

Um dia no Café Universal em amavel cava- queira com um *collega* da banca fez-se passar por administrador da Povoia de Lanhoso, e de tal maneira dourou a pilula que o homem engu- liu-a sem difficuldade.

No dia seguinte o *administrador* lia o «Janei- ro», mas por fatalidade tinha o jornal de *pernas* para o ar. N'isto entra o cavaqueador da ves- pera e diz-lhe abeirando-se do Perinha:

—Oh! doutor! V. tem o jornal ás avessas!!

Com ares doutoracs e sem perder a linha, responde-lhe:

—Pois a habilidade está em ler assim. A's direitas quem quer lê.

Isto passou-se em setembro. Em maio seguin- te por occasião das festas de Cruzes veio o tal *quidam* a esta villa e hospedou-se no Hotel Roças e pediu que lhe mandassem um barbeiro.

Ora o barbeiro que costumavam chamar para o serviço dos hospedes d'aquelle Hotel era o Perinha. Chamaram-no e elle promptamente com- pareceu. O creado indicou-lhe qual o quarto em que se achava o hospede e Perinha entrou.

Imagine-se o espanto d'un e d'outro:—Tro- caram-se cumprimentos e abraços e Perinha despediu-se dizendo que se enganara no quarto, e offereceu os seus serviços na Povoia de Lanhoso.

Passada uma hora, o hospede chama o creado e pergunta-lhe pelo barbeiro.

—Elle já cá veio e eu até o vi entrar para este quarto.

!!! Quem veio aqui, respondeu o hospede, foi o administrador da Povoia de Lanhoso!!!

Foi preciso chamar outro barbeiro, porque o Perinha prevendo o fim da obra achou melhor ir passear e não foi encontrado quando nova- mente o creado reclamava os seus serviços.

Quando uma pessoa chega á porta do palacio onde habita a Velhice acodem-lhe logo para cima do lumbó todos os achaques, como se o peso dos annos fosse cousa de somenos. A cabeça tem uma attração grande para a terra, as costas amoxilam-se, as pernas arrastam-se com difficuldade, a vista, cansada de tanto ver, offusca-se e os ouvidos deixam-se atravessar apenas por uns zumbidos. O nosso Troupi, coitado! está n'estes casos. Quem o observar bem, en- contra-lhe quasi todos os defeitos da velhice, mas de todos o que mais o incommoda é a falta

de ouvido. Então, para certificar-se todos os dias se o mal augmenta, diminhe ou está esta- cionario, bufa no instrumento, que lhe deu o nome, quaesquer composições musicacs, e assim avalia o estado da sua surdez. Mas não conten- te com esta prova, chama a mulher em alta grita (como fazem todos os surdos) e diz-lhe—Tu ouves? e ella, como falla a um mouco, responde tambem em voz alta—ouço sim!

E n'isto passam a sua vida.

E' assim que o Rinhanho fica depois de ter be- bida um quartilho do de 30 reis na casa do Do- mingos Vinagre.

—«Um vinho, diz elle, que é puro como a vite o den e o ven teu o reid.º abba de Antonio Paes, de Rortiz.»

Como a gravura expri- me, o Rinhanho ri, ri sa- tisfeito.

Está ali um homem ca- paz do mais arrojado sa- crificio por um amigo.

Tirem-lhe o quartilbito ao domingo, e verão como elle morre pasmado assim como um rouxi- nol na gaiola...



O Canellas tem um filho já espigadote, exi- mio cultor da arte sublime que o hade elevar ás culminancias d'um grande maestro, mas que desobedece ao pae não querendo ouvir os seus conselhos em voz de falsete. Uma pequena *ago- nia* deu origem a que o moço abandonasse os lares paternos, e fosse em busca de vida nova, querendo ser senhor seu e não ter quem o repre- hendesse pelas suas liberdades. Para prevenir o caso de falta de meios nos primeiros dias, e mesmo porque o estomago não quer saber de ninharias, metteu debaixo do casaco um pão de broa, e eis-o ali vae sem destino. Parou a par- ta do serrador José Barbosa A. da Costa onde encontrou franca hospitalidade, sendo couvira do abençoado casal durante quatro dias, passa- dos os quaes voltou, com as duas reflexões que a fome é negra e inimiga da virtude, a abrigar- se sob as telhas patrias (achanament) do pae.

Mal o rapaz pôo pé em casa apparece o Costa que diz ao Canellas:

—Olhe que as nossas contas estão liquidadas.

—Como?

—Os dezeseis tostões que me devia são os quatro dias que seu filho esteve em minha ca- sa, a cruzado por dia, e este preço é porque elle levou pão senão era mais caro.

O Canellas chora a sua desventura, e ainda mais por o filho lhe dizer que a alimentação era apenas uma agua a que chamavam caldo, valendo-lhe de muito a broa que surripiara.

BRANCO E NEGRO